

**TRANSFORMAÇÕES NOS COSTUMES MEDIEVAIS À
MESA. APROXIMAÇÕES ENTRE NORBERT ELIAS, DELLA
CASA E ERASMO DE ROTTERDAM**

**TRANSFORMATIONS IN MEDIEVAL HABITS AT THE
TABLE. APPROACHES AMONG NORBERT ELIAS, DELLA
CASA AND ERASMO OF ROTTERDAM**

Terezinha Oliveira¹

Osmar Nascimento de Oliveira²

Resumo: Este é um estudo da obra **O Processo Civilizador**, de Norbert Elias (1897-1990). Nela, o autor analisa a história dos costumes e a formação do Estado Moderno e suas influências sobre a civilização. Na obra, Elias nos leva a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota de sua própria sociedade. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu; estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Considerando as formulações do autor, propomo-nos a analisar, particularmente, as mudanças de comportamento social à mesa, tecendo aproximações com dois autores renascentistas, Della Casa e Rotterdam, cujas obras constituíram-se em fonte para o estudo de Elias.

Palavras-chave: Costumes; Civilização; História da Educação; Norbert Elias.

Abstract: This work is a study of the book *The Civilizing Process* by Norbert Elias (1897 - 1990). Here, the author examines the history of manners and the formation of the modern state and its influence on civilization. In this work, Elias leads us to think what would happen if a man of contempora-

¹ Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá – UEM- PR, Brasil.
E-mail: teleoliv@gmail.com

² Mestrando em História e Historiografia da Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM- PR, Brasil. E-mail: osmarnascimento@hotmail.com

ry Western society were suddenly transported to a remote epoch of their own society. It is possible to find a way of life very different from yours; would face a society that, for him, would not be civilized. Considering the author's formulations, we propose to examine, particularly, changes in social behavior at the table with two weaving approaches Renaissance authors, Della Casa and Rotterdam, whose works constituted a source for the study of Elias.

Keywords: Customs; Civilization; History of Education; Norbert Elias

Norbert Elias nasceu em *Breslau*, em 1897, e morreu em *Amsterdam*, em 1990. Sociólogo alemão, estudou medicina, filosofia e psicologia nas universidades de *Breslau* e *Heidelberg*. Mais tarde, trabalhou com *Karl Mannheim*, em *Frankfurt*. Abandonou a Alemanha nazista em 1933, indo primeiramente para a França e depois para a Inglaterra, onde foi professor de sociologia na Universidade de *Leicester* (1945-1962). Posteriormente, lecionou na Universidade de *Gana* (1962-1964) e no *Zentrum für Interdisziplinäre Forschung in Bielefeld*. Desenvolveu uma abordagem que chamou de “sociologia figuracional”, a qual examina o surgimento das configurações sociais como consequências inesperadas da interação social. Seu trabalho mais conhecido é *O Processo Civilizador* (1939), em que analisa os efeitos da formação do Estado Moderno na Europa sobre os costumes e a moral dos indivíduos³.

Nessa obra supracitada, reconhecida como sua maior obra, Norbert Elias leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, repentinamente, transportado para uma época remota, como o período medievo-feudal, e nele descobriria hábitos

³ Bibliografia apresentada no livro por Renato Janine Ribeiro e disponibilizada pela Editora Jorge Zahar, 1993.

e formas que julga selvagens ou incivilizados em outras sociedades da atualidade, ou seja, hábitos diferentes dos seus e que não condizem com a forma como foi educado, por isso os abomina. É possível que esse homem encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis, segundo seu ponto de vista, enquanto poderia considerar outros inadequados. Estaria, por conseguinte, diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Esse homem considera civilizados os hábitos de seu tempo, de seu povo, de sua terra. Aqueles hábitos que sua sociedade abomina seriam por ele tidos como incivilizados, isto é, as pessoas que os praticam não foram educadas, refinadas para a sociedade daquele homem. Segundo Landini (2005, p. 1), quando foi lançado o livro *O Processo Civilizador*, este fez muito pouco sucesso, pois aquele não era o momento adequado para o lançamento de um livro escrito em alemão por um judeu e que, sobretudo, falava sobre civilização.

A obra divide-se em dois volumes. O primeiro volume apresenta uma história dos costumes, em que o autor analisa a evolução dos diferentes conceitos de cultura e civilização na Alemanha, Inglaterra e na França. Posteriormente, explora a civilidade como transformação dos costumes, que vão desde mudanças nos costumes das pessoas à mesa, nas refeições, na forma de comer, em relação às funções corporais, como espirrar ou tossir, escarrar, arrotar ou expelir gases, até o comportamento no quarto de dormir ou no controle da agressividade. Para essa análise, Norbert Elias baseia-se principalmente em livros de boas maneiras, além de pinturas, literaturas e documentos históricos.

Conforme postulam Oliveira e Mendes (2007, p. 328):

Uma das primeiras práticas docentes realizadas na modernidade foi efetuada por Erasmo de Rotterdam

(1469-1536), especialmente nas duas obras destinadas à educação do filho de um príncipe. Trata-se de *De Pueris e Civildade Pueril*, nas quais procura ensinar como a criança deve se comportar no convívio social. Essas duas obras, ou manuais, tinham como objetivo mostrar que o comportamento social necessita de polidez, etiqueta e requinte. Outra obra importante desse período é o manual de Giovanni Della Casa (1503-1556), *Galateo*. Nela, o autor insiste na necessidade de se ter “bons modos” à mesa, nos salões; enfim, deve-se aprender a conviver socialmente. Esses dois autores expressam uma nova exigência histórica, a de que os homens tinham que aprender a se comportar dentro de novas condições sociais. Com efeito, o mundo feudal findara-se e com ele a forma social de comportamento que o expressava. A educação estava voltada, assim, para preparar o indivíduo para a nova sociedade que estava sendo produzida.

Esses manuais de boas maneiras visavam a uma transformação na educação juvenil, condizente com os desejos da classe que, ao final da Idade Média, tomara o poder. Dentre aqueles que fundamentam a obra de Elias, Giovanni Della Casa e Erasmo de Rotterdam foram alguns dos autores escolhidos para debater as boas maneiras, objetivando tornar evidente que os princípios analisados são inclusões da estrutura mental e emocional da aristocracia apropriados pela burguesia no fim da Idade Média, ou seja, são a propagação dos pensamentos, sentimentos, costumes e hábitos da burguesia, que chegara ao poder e precisava ser civilizada.

A história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de comportamento social. Essa história refere-se não apenas à questão da etiqueta, mas também reporta-se à moral, à ética, ao valor interno dos indivíduos e aos aspectos externos que se revelam em suas relações com os outros. Todas as sociedades, ao longo da história, criaram normas e princípios com a finalidade de orientar as relações entre grupos e pessoas.

Apesar de nem sempre procederem do Estado, alguns desses princípios impunham regras que, se não fossem seguidas, implicariam penalidades que iam desde a desaprovação até à exclusão daqueles que não as respeitassem.

O que Elias aborda quando trata da motivação das mudanças é que, no que diz respeito aos costumes, a transformação que ocorre está relacionada com a dinâmica das classes sociais; quando a classe social superior procura distanciar-se das outras classes sociais, cria novos padrões de comportamento que, ao longo do tempo, são adotados pelas demais classes. Com o passar do tempo, esses novos padrões de comportamento deixam de ser conscientes para se transformarem em uma segunda natureza, e é a essa segunda natureza que o autor se refere quando menciona as mudanças na estrutura da personalidade. No tocante às mudanças na estrutura da personalidade, outro fator importante é o autocontrole, que passa a ter uma função cada vez mais relevante, ao mesmo passo em que diminui a necessidade de um controle externo. Entendemos o autocontrole como fruto do processo educacional e civilizatório. À medida que o homem se educa, torna-se capaz de controlar seus impulsos, suas paixões, e, assim, a convivência em sociedade é facilitada. Na acepção de Elias, no decorrer do processo de civilização ocorre uma alteração no equilíbrio entre o controle externo e o autocontrole, favorecendo este último, o autocontrole.

Quando alguém analisa os costumes de uma sociedade diferente da sua, é necessário que se desfaça de suas convicções acerca de boas maneiras e considere que as diferenças de costumes são singulares àquela sociedade, àquele tempo histórico. Em determinadas sociedades, alguns costumes da população estão em desacordo com o padrão de sociedade que se deseja e, por meio da educação, esses hábitos indesejados podem ser modificados.

O Galateo

Uma das obras apontadas por Norbert Elias, em *O Processo Civilizador*, foi *O Galateo*, de Giovanni Della Casa. Elias pontua que essa obra representa as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade em função das transformações históricas e sociais daquele período. Nessa obra, Giovanni Della Casa analisa as regras referentes ao bom comportamento social. O livro foi escrito entre 1551 e 1555, na época da Contrarreforma, que muito influenciou o autor.

Della Casa não pretendia criar uma grande obra; sua intenção era aconselhar seu sobrinho Annibale Rucellai no que tange ao comportamento que se deve ter em sociedade para ser agradável a seus pares. Para tanto, na visão do autor é necessário não contrariar os costumes praticados na localidade onde se vive e evitar assumir uma posição diferente à dos outros para não os ofender; em resumo, para não ser desagradável aos demais, basta adequar-se a seus costumes.

O grande mérito de Della Casa foi não tratar esse problema de forma abstrata, mas sim de modo prático e concreto, pois examinou os comportamentos humanos cotidianos que desagradavam ou não às pessoas, iniciando, por exemplo, pelo modo de falar, comer, beber, vestir-se, caminhar, sentar, gesticular, e assim por diante. A seguir, apresentamos as regras de Della Casa relativas aos modos à mesa, entre outras.

Na perspectiva do autor, é preciso direcionar seus modos, não segundo a própria vontade, mas conforme o prazer daqueles com quem se trata. Alerta para que seja feito com moderação, porque quem bajula o prazer alheio na conversação e no trato parece bufão, bobo e adulator, assim como quem não se preocupa com o prazer ou o desprazer dos outros é grosseiro, mal educado e deselegante. Para que nossos modos agradem a nossos pares, é necessário que nosso comportamento seja pautado no

discernimento entre as coisas que geralmente agradam ou não às pessoas; dessa maneira, é possível encontrar os modos que devem ser evitados ou adotados em nosso convívio.

Coisas sujas, fétidas, nojentas ou repugnantes não devem ser feitas na presença das pessoas, assim como também não se deve nomeá-las ou lembrá-las, pois é costume inconveniente mesmo praticar algum ato que faça referência a tais coisas, porque isso costuma aborrecer muito as pessoas. Vários modos aborrecem os sentidos, como ranger os dentes, assobiar, friccionar e esfregar pedras ásperas e atritar ferro desagradam aos ouvidos, e por isso o homem deve evitar praticar esses comportamentos. O homem educado deve evitar bocejar, para não transmitir impressão de tédio e aborrecimento, ou então sinalizar que a companhia seja de pouco agrado.

Não se deve também, assoando aquilo que tiveres no nariz, abrir o lenço e guardá-lo dentro como se pérolas ou rubis tivessem descido de teu cérebro, sendo modos e atos repugnantes, que não apenas não nos fazem amados, como também se alguém nos amasse se desenamoraria. [...] Também é costume inconveniente alguém colocar o nariz no copo de vinho que outro há de beber, ou na comida que outro deve comer, para cheirá-los [...] pois do nariz podem cair aquelas coisas de que o homem tem nojo, ainda que então não caiam. [...] E muito menos se deve oferecer pêra ou outra fruta que tenhas mordido. E não te preocupes se as coisas ditas anteriormente te pareçam de pouca monta, pois também os golpes leves, se são muitos, costumam matar (Della Casa, 1999, p. 9-10).

Ao final do parágrafo acima, Della Casa apresenta uma ideia fantástica, a de que o acúmulo de pequenas falhas dá origem a grandes erros. Nesse sentido, mesmo as pequenas coisas devem ser observadas para que seja possível não desagradar às pessoas com quem se convive. Mais adiante,

o autor lista outros atos que devem ser evitados e apresenta sua indignação com as pessoas que possuem tais hábitos.

Della Casa afirma que existem pessoas que se comportam à mesa tal qual porcos, inteiramente entregues com o focinho na sopa, sem nunca levantar o rosto e nunca tirar os olhos e muito menos as mãos dos alimentos, com ambas as faces inchadas, como se soassem uma trompa ou assoprassem o fogo, não a comer, mas a devorar. Lambuzam as mãos até quase o cotovelo; reduzem a tal situação o guardanapo que os trapos das latrinas são mais limpos. E com o mesmo guardanapo com muita frequência também não se envergonham de enxugar o suor que, pela pressa e exagero no comer, goteja e cai da frente e do rosto em torno do pescoço, limpando ainda com ele o nariz, quando bem o querem. Os que assim fazem deveriam ser expulsos de todos os lugares onde houvesse homens educados.

O autor também discorre sobre modos que, sem aborrecer qualquer um dos sentidos, quando realizados, desagradam ao apetite da maioria das pessoas. Destacaremos alguns deles.

Dormir à vontade é considerado pelo autor hábito pouco gentil e que muitos possuem, mesmo em presença de honesta companhia. Quem age dessa forma demonstra que pouco preza, pouco se importa com sua companhia e suas conversas; sem dizer que os que dormem costumam, com frequência, fazer algum ato desagradável de se ouvir ou ver, e geralmente acordam suados e babados. Igual mal fazem aqueles que, de tempos em tempos, tiram uma carta do bolso e a leem. Pior ainda faz aquele que, sacando uma pequena tesoura, põe-se a cortar as unhas como se ignorasse sua companhia e procurasse outra diversão para passar o tempo.

Há alguns hábitos que, em conformidade com o autor, atrapalham, envergonham e incomodam todo o grupo. Tais hábitos são típicos daquelas pessoas que nunca estão prontas, nunca estão compostas, nunca,

a seu juízo, se sentem satisfeitas; pelo contrário, quando estão para ir à mesa e estão postas a comida e a água vertida nas mãos, pedem que lhes seja levado material para escrever ou urinar. Atrapalham toda companhia aqueles que cuidam apenas de si mesmos e da própria comodidade, sem ter no ânimo nenhuma consideração pelos outros. Além disso, desejam sempre estar em vantagem sobre os outros, deitar-se nos melhores leitos e nos mais belos quartos, sentar-se nos mais confortáveis e mais honrosos lugares antes de todos serem servidos e acomodados.

Não fica bem, ainda citando Della Casa, que alguém se encolerize à mesa, aconteça o que acontecer; e, encolerizando-se, não deve demonstrá-lo, nem de seu tormento deve dar sinal, sobretudo se houver estranhos, pois foram chamados à alegria e não à tristeza.

Durante as conversas, deve-se evitar, primeiramente, matéria frívola ou vil, porque os ouvintes não se interessam e, por isso, não se deleitam; pelo contrário, escarnecem juntamente dos argumentos e dos próprios argumentadores. Também não se deve tomar temas muito sutis ou demasiadamente requintados, pois dificilmente são entendidos pela maioria. Nem de qualquer obscenidade deve-se falar, ainda que pareça uma coisa agradável de ouvir, visto que às pessoas honestas não fica bem procurar agradar aos outros, senão com coisas honestas. Nem à festa nem à mesa devem-se contar histórias melancólicas, de chagas, doenças, morte ou pestilência, nem de outra matéria dolorosa se faça menção ou lembranças. E se alguém cair em tais assuntos, deve-se, de modo apropriado e amável, desviá-lo daquela matéria, fornecendo-lhe assunto mais alegre e conveniente. Não se deve aborrecer os outros com sonhos, matéria insignificante, especialmente tolos, como as pessoas geralmente os têm. Algo mais vil e leviano que os sonhos são as mentiras. Não se deve incomodar as orelhas e a mente de quem escuta com mentiras do que com sonhos. Em longo

prazo, os mentirosos não somente perdem o crédito, mas sequer são escutados, assim como se suas palavras não tivessem nenhuma substância em si, e em lugar de falar assoprassem.

Um homem não deve gabar-se de sua nobreza, honra ou riqueza, e muito menos do juízo, nem de seus feitos ou proezas, ou se engrandecer muito de seu passado. Agindo dessa forma, demonstra que deseja disputar com seus pares, se igualmente são ou presumem ser homens nobres, abastados e valorosos, ou superá-los, se são de menor condição, praticamente reprovando-lhes sua miséria e a insignificância, o que desagrada a todos.

Portanto, assim como esses modos, e muitos outros semelhantes a esses. que tendem a impedir a vontade e o apetite do outro, mesmo que por escárnio ou brincadeira, devem ser evitados, assim também na conversação deve-se antes facilitar o desejo alheio que impedi-lo.

Convém, em consonância com Della Casa, que os homens educados se guardem e, especialmente sabendo pouco, não somente porque é grande façanha alguém falar muito sem errar muito, mas também porque parece que aquele que fala seja superior, de certo modo, aqueles que ouvem, como o mestre aos discípulos. Mas assim como falar excessivamente causa tédio, calar excessivamente causa ódio, porque calar ali onde os outros falam entre si parece um não querer dar sua parte da conta comum, e porque falar é um abrir-se do espírito a quem ouve, e ao calar, ao contrário, parece um desejo de permanecer incógnito. Portanto, é costume agradável falar e ficar quieto no momento devido.

Tomando como ponto de partida a leitura da frase anterior, podemos perceber a atualidade e a necessidade do estudo da obra em análise, *Galateo*. Um dos grandes problemas enfrentados pelos educadores contemporâneos é o da indisciplina: muita conversa nas salas de aula, os alunos não ouvem a fala do professor. Acreditamos que o trabalho com a obra de Della Casa

pode ajudar os professores a enfrentar esse problema.

Della Casa propala que os modos agradáveis são aqueles que trazem deleite ou ao menos não levam aborrecimento a nenhum dos sentidos, nem ao apetite, nem à imaginação daqueles com os quais convivemos. Sendo assim, não fica bem coçar-se sentado à mesa, e, nesse momento, deve-se guardar o mais que possa de cuspir, e, se o fizer, faça-o de modo adequado. O autor relata que existem povos tão sóbrios que jamais cuspiam e deseja para sua sociedade que se abstenha disso por um breve espaço de tempo. Deve-se também guardar-se de comer o alimento tão vorazmente para que não resultem soluços ou outro ato desagradável, como faz quem se apressa tanto que chega a ofegar e a bufar, para aborrecimento de todos os presentes. Da mesma forma, não fica bem esfregar os dentes com o guardanapo, e muito menos com o dedo, pois são atos deselegantes. Não fica bem enxaguar a boca com vinho e cuspi-lo à vista de todos; nem é um costume educado levantar-se da mesa levando à boca o espeto à maneira de um pássaro que faz seu ninho, ou na orelha, como os barbeiros. E quem leva no colo os palitos de dente sem dúvida erra, porque além de ser um estranho utensílio a ser visto no peito de um gentil-homem, faz lembrar aquele tiradentes (dentista) que se vê subir nos bancos das praças, também demonstrando que está muito aparelhado e provido para os serviços da gula. O autor brinca e afirma não saber dizer o porquê destes não carregarem também a colher presa ao pescoço. Não convém também largar-se sobre a mesa nem encher de comida os dois lados da boca até que as bochechas inchem.

Na obra em pauta, também encontramos trechos que asseveram que não se deve fazer nenhum ato pelo qual se mostre que a comida ou o vinho lhe tenham sido grandemente satisfatórios, haja vista serem costumes de taverneiros e beberrões. Convidar aqueles que estão à mesa e dizer: –

Não comestes esta manhã – ; ou:– Não havia nada que vos agradasse –; ou – Prova isto ou aquilo – não são considerados pelo autor um costume louvável, embora a maioria das pessoas o tenha por familiar e comum, pois julgam que, procedendo assim, mostrem preocupação com aquele que convidam; muitas vezes também dão razões para que almoce com pouca liberdade, porque o convidado pode ficar envergonhado ao perceber que está sendo observado demais.

Della Casa afirma, ainda, que não fica bem oferecer alguma coisa do prato que se tem à frente se quem o fizer não for de uma condição muito melhor, para que o presenteado seja honrado, pois entre os de igual condição parece que aquele que dá se faz de certo modo maior que o outro, e, às vezes, aquilo que alguém dá não agrada àquele que recebe sem dizer que se mostra, assim, que o banquete não é abundante em comida ou que esta não esteja bem distribuída, quando a um excede e a outro falta, podendo o senhor da casa tomar-se de vergonha; contudo, nisto deve-se fazer como se faz e não como é bem fazer-se, e requer-se antes errar com os outros em tais costumes do que fazê-lo corretamente sozinho. Mas, seja o que convier, não se deve recusar aquilo que é trazido, porque parecerá um desprezo ou uma repreensão a quem oferece. Convidar a beber é em si repreensível, mas se alguém o convidar, pode-se facilmente não aceitar, agradecendo ou mesmo provando o vinho por cortesia, sem de fato bebê-lo.

De acordo com o autor, ninguém deve despir-se e especialmente tirar as calças em público, isto é, onde estiver a honesta companhia, pois o ato não é adequado ao lugar e poderia também ocorrer que aquelas partes do corpo que estão cobertas se descobrissem e envergonhassem quem se despiu e quem o visse. Também não se deve pentear nem lavar as mãos junto às pessoas, porque são coisas a fazer no quarto e não às vistas, salvo (quanto a lavar as mãos) quando se requer ir à mesa, pois então convém

lavá-las à vista, ainda que não tivesse nenhuma necessidade, a fim de que quem for compartilhar o mesmo prato o saiba com certeza.

Finalizando, Della Casa insiste, mais uma vez, na ideia de que os pequenos erros compõem grandes erros:

Não quero que acredites que, por ser cada uma dessas coisas um pequeno erro, todas juntas sejam um pequeno erro, ao contrário, um grande erro é feito e composto de muitos pequenos, como disse a princípio, e quanto menores sejam, tanto mais é necessário que abram-se os olhos, pois não sendo facilmente percebidos tornam-se um costume, e como contínuas despesas miúdas ocultamente consomem os bens, assim esses leves pecados, às escondidas, consomem em número e quantidade a bela e boa educação; pelo que não se deve brincar com isso (Della Casa, 1999, p. 92-93).

A nosso ver, essa obra apresenta questões ainda hoje pertinentes à educação, e marca como esse tipo de educação pode ser construído pelos homens em determinado momento histórico. Esse é o ponto fundamental da obra de Norbert Elias, isto é, apontar que determinados costumes não podem ser naturalizados. É necessário compreender que as relações sociais são elaboradas por e pelos homens, e visam a atender às necessidades do momento histórico que estes vivenciam.

A Civilidade Pueril

Outra obra analisada por Norbert Elias e da qual trataremos neste item também diz respeito à educação, cultura e civilização, e, assim como *O Galateo*, também foi escrita no século XVI. Publicada pela primeira vez em 1530 e destinada a Henrique de Borgonha, filho de Adolfo, príncipe de Veere, a obra *A Civilidade Pueril*, de Erasmo de Rotterdam, objetiva transmitir

lições de boas maneiras, procurando atingir grande parte daqueles que não tiveram a oportunidade de serem educados por um pedagogo particular nem de frequentar cursos reservados aos detentores de fortunas. Erasmo procurava, com sua obra, ir ao encontro de todas as crianças, democratizando o patrimônio da cultura erudita até então reservada a prescrever, acreditando que seria acolhida mais prazerosamente por todos os outros meninos justamente porque fora dedicada a uma criança da classe alta e de grande futuro.

O livro, que versa sobre a educação infantil, divide-se em sete capítulos: Atitudes corretas e incorretas; A elegância dos trajes; Como se portar na igreja; Os banquetes e as refeições; Os encontros e conversas; Os esportes e No leito. Apesar da relevância, como um todo, da obra de Erasmo em função do propósito deste texto que escrevemos, analisaremos somente os capítulos que tratam das maneiras a serem adotadas na mesa, durante as refeições.

Erasmo registra que se deve estar bem humorado à mesa, com as mãos e as unhas limpas. Antes de se sentar à mesa é importante, se necessário, urinar e esvaziar o intestino. Considera de bom grado ceder o lugar de honra a outra pessoa; caso seja indicado, recusar amavelmente, mas se houver insistência, aceitar com simplicidade.

As mãos devem estar sobre a mesa, os cotovelos não devem tocá-la. Não se deve ficar balançando na cadeira nem incomodando os demais com os pés, nem ficar apoiando-se ora sobre uma das nádegas, ora sobre outra, como quem está para liberar gases. Se for oferecido guardanapo, este deve ficar sobre o ombro esquerdo ou sobre o braço. Dispensa-se o uso de chapéu à mesa.

As crianças não devem se aproximar da mesa sem serem convidadas e também não podem permanecer junto da mesa até o final da refeição, devendo retirar-se assim que terminarem de se alimentar.

Quanto aos talheres, o copo e a faca ficam à direita, o pão à esquerda. O pão não deve ser partido com as mãos, mas cortado com a faca. Iniciar a refeição bebendo é coisa de alcoólatra e, além de inconveniente, prejudica a saúde. Aliás, beber mais de duas ou três vezes no decorrer da refeição não é elegante nem saudável para as crianças. O autor sugere beber uma única vez ao começar o segundo prato e ao final da refeição, mas alerta para sorver o líquido com moderação, sem fazer rumor típico de cavalos. A bebida ideal para a juventude é apenas a água. Devem-se limpar os lábios com guardanapo ou lenço antes de tomar no copo, ainda mais se todos bebem na mesma taça.

Não se deve tocar a comida de imediato, não só para não ostentar gula como também por causa do risco de engolir alimentos muito quentes. Caso uma criança tome lugar à mesa com pessoas mais velhas deve servir-se por último, após ter sido convidada e servindo-se do pedaço que estiver a sua frente, sem ficar escolhendo no prato. Se seu pedaço for mais apetecível, deve deixá-lo para outrem e servir-se de outra porção próxima. Deve-se evitar comer bocados inteiros e apressadamente. Se o alimento oferecido não agradar, agradecer com um sorriso e dizer que o prato não lhe agrada ou que já está suficientemente satisfeito.

Com relação ao modo de cortar a carne, o autor recomenda que desde cedo as crianças aprendam a técnica apropriada. O autor também previne com relação a outras precauções em banquetes, tais como não passar aos outros bocados já comidos pela metade, não introduzir no caldo o pão mordido, não repor no prato o alimento já mastigado e ossos descarnados. Não se deve jogar debaixo da mesa ossos e outros detritos; também não se deve jogar alimentos aos cães ou acariciá-los. Deve servir-se do sal com a faca, ao invés dos dedos. Não se deve lambe pratos ou facas. Não se deve abrir a boca enquanto se mastiga, nem falar de boca cheia. Não se deve olhar fixamente para as pessoas na mesa. Se o silêncio é ornamento para a

mulher, é muito mais para a criança. Criticar o que está servido na mesa, além de deseducado, revela ainda ingratidão para com o anfitrião. É sinal de desamor pelas crianças permitir a tão tenra idade participar de ceias que se prolongam pela noite adentro.

Se de alguma utilidade for o presente opúsculo, ó filho caríssimo, almejo seja o mesmo oferecido, por teu intermédio, a todas as crianças de tua idade. Com essa tua liberalidade granjearás a amizade dos colegas e, no mesmo gesto, estarás recomendando-lhes os estudos das artes liberais e dos bons costumes (Rotterdam, s/d, p. 158).

O parágrafo acima explicita o desejo de Erasmo de transmitir tais preceitos a todos os jovens da época. *A Civilidade Pueril*, apesar de pequena em extensão (pouco mais de cem páginas), é uma obra gigantesca para o campo da educação, e, embora seja direcionada a corrigir e ordenar atitudes externas e corporais (modo de olhar, falar, andar, vestir-se, etc.), seu autor pretendia predispor os jovens para compor-se e entrar em harmonia com o alinhamento de princípios educacionais que seriam apresentados em outra obra, *De Pueris* (Sobre os Meninos), também de sua autoria, na qual fica claro que o código de conduta, mais do que simples regra de comportamento social, espelha a imagem da personalidade em formação.

Conclusão

Ao pesquisar as obras de Della Casa e Erasmo de Rotterdam, queremos chamar a atenção para a importância do estudo da história, no sentido de se formar uma consciência nas pessoas, para que entendam a transformação dos homens e de seus hábitos em cada momento histórico, de forma a não naturalizar a educação atual. Por exemplo, hoje parece natural que façamos nossas refeições sentados à mesa, fazendo uso de garfo, faca e guardanapo; no entanto, a leitura dessas obras nos mostra

que tal comportamento foi construído pelos homens ao longo do tempo, passando por diversas transformações, de acordo com as necessidades e objetivos das respectivas sociedades.

Norbert Elias, ao analisar em seu livro a obra desses e de outros autores que trataram sobre os costumes, apresenta critérios utilizados para definir a direção do processo civilizador. Os três principais critérios para definir as direções dos processos civilizadores são: a mudança na balança entre coerção externa (penalidades, punições, prisões, etc.) e autocoerção (educação, civilidade, cortesia, etc.), na qual a balança pende para a auto-coerção, para a educação e a civilidade. Quando a sociedade é civilizada e educada (autocoerção), as punições são menos necessárias. Quando as pessoas são disciplinadas e educadas sistematicamente, quando se conscientizam de que determinados hábitos são indesejáveis, sujeitam-se às regras difundidas pela sociedade. O desenvolvimento de um padrão social de comportamento e sentimento que produza a criação de um autocontrole mais estável e diferenciado e um aumento na identificação mútua entre as pessoas, ou seja, um aumento da sensibilidade dos homens, gerando uma sensação de pertencimento a um grupo, a uma raça.

Além dos três critérios elencados acima, as direções dos processos civilizadores incluem o aumento da distinção entre instintos e controle dos instintos; aumento da pressão pelo desenvolvimento da previsibilidade; psicologização e racionalização; avanço no limite entre vergonha e repugnância; ajuste de comportamentos e contrastes emocionais.

Elias fecha seu pensamento da seguinte forma:

Se analisamos em sua totalidade esses movimentos do passado, o que vemos é uma mudança em direção bem definida. Quanto mais profundamente penetramos na riqueza de fatos particulares a fim de descobrir a estrutura e regularidades do passado, mais solida-

mente emerge um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos. Da mesma forma que, no passado, quem observava a natureza, após seguir numerosas hipóteses que em nada deram, gradualmente começou a distinguir uma visão coerente dela tomando forma diante de seus olhos, hoje os fragmentos do passado humano reunidos em nossa mente e em nossos livros, pelo trabalho de muitas gerações, começam, aos poucos, a se encaixar num quadro consistente da história e do universo humano em geral (ELIAS, 1993, p. 263).

Para o autor, na contemporaneidade, tanto quanto antes, não são apenas as metas e pressões econômicas, nem tampouco apenas os motivos políticos que constituem as principais forças motrizes das mudanças, e nem mesmo a luta por mais dinheiro e poder. Esses constituem apenas uma máscara, um meio para se atingir a meta econômica. Os monopólios de violência física e dos meios econômicos de consumo e produção, sejam coordenados ou não, estão inseparavelmente interligados. Juntos, geram tensões específicas em pontos particulares no desenvolvimento da estrutura social, tensões que pressionam no sentido de sua transformação. Dito de outra forma, a economia, a política e o dinheiro são capazes de gerar mudanças, mas aliados ao monopólio do uso da violência (poder de polícia) e dos meios econômicos de consumo e produção, são capazes de criar situações propícias às transformações sociais.

Ainda corroborando o autor, o processo civilizador constitui uma mudança em longo prazo na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. No entanto, reconhece que pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa civilização, pretendendo efetivá-la gradualmente por meio de medidas conscientes, racionais e deliberadas, ao longo de séculos. Para Elias, a civilização não é racionalização, nem um produto da raça humana, nem mesmo o resultado de um

planejamento em longo prazo. Como seria possível que a racionalização gradual pudesse fundamentar-se em um comportamento e planejamento racionais que a ela preexistissem desde vários séculos?

Elias assevera que não há uma intenção deliberada de cada sujeito que produza a civilização, mas são os atos dos sujeitos singulares agregados uns aos outros que a tornam universal e produzem, ou não, civilidade. O autor questiona se podemos realmente imaginar que o processo civilizador tenha sido posto em movimento por pessoas dotadas de tal perspectiva em longo prazo, de tal controle específico de todos os acontecimentos de curto prazo, já que essa perspectiva em longo prazo e esse autodomínio pressupõem um longo processo civilizador?

Para essas questões, Elias esclarece que nada na história indica que essa mudança tenha sido realizada racionalmente, por meio de qualquer educação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A transformação acontece, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um princípio específico de ordem.

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas (ELIAS, 1993, p. 193-194).

A nosso ver, o que o autor destaca na passagem em relação ao processo civilizador nada mais é do que o problema geral da mudança histórica. Respondendo àquelas questões, o autor enuncia que planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isoladas, pode originar mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica e que subjaz ao processo civilizador.

O estudo desses mecanismos de integração, porém, também é relevante, de modo mais geral, para a compreensão do processo civilizador. Só se percebermos a força irresistível com a qual uma estrutura social determinada, uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e, assim, para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na história humana, desde os tempos mais remotos até o presente (ELIAS, 1993, p. 195).

Elias pondera que a civilização não é razoável, nem racional, nem irracional. A civilização é posta em movimento e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se veem obrigadas a conviver.

Dessa forma, a teia de ações tornou-se complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se corretamente dentro dela ficou tão grande

que, além do autocontrole consciente do indivíduo, as relações e instituições sociais foram firmemente estabelecidas. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento, socialmente aceitável, mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, com frequência e indiretamente produzia colisões com a realidade social. Os hábitos eram transformados de forma violenta, como, por exemplo, pela prisão, pela pena de morte, pelo exílio, ou ainda pelo medo do inferno.

Assim, o modelo de autocontrole, o padrão pelo qual são moldadas as paixões e os comportamentos, certamente varia muito, de acordo com a função e a posição do indivíduo nessa cadeia, e há, mesmo na contemporaneidade, em diferentes setores do mundo ocidental, variações de intensidade e estabilidade nas funções e relações sociais e institucionais que parecem, à primeira vista, muito grandes. A diferenciação em marcha das funções sociais, porém, é apenas a primeira e mais geral dentre as transformações que observamos ao estudar a mudança na constituição psicológica conhecida como civilização. Lado a lado com a divisão de funções (trabalho, religião, tributação, guerra, etc.) em andamento, em função das transformações políticas e econômicas ocorridas no final da Idade Média, ocorre a total reorganização social.

Nesse âmbito, o processo civilizatório educacional que Elias analisa vai em direção ao equilíbrio entre os interesses individuais e os coletivos na sociedade, produto do autocontrole. Elias afirma que, para que o homem possa ser livre e feliz, é necessário um equilíbrio mais durável, uma sintonia mais fina entre as exigências gerais da existência social do homem, por um lado, e suas necessidades e inclinações pessoais, por outro. Dito de outra forma, é necessário satisfazer as necessidades e desejos pessoais; no entanto, essa satisfação não pode destoar das regras da sociedade. Se a

estrutura das configurações humanas, de sua interdependência, tiver essas características, se a coexistência delas, que afinal de contas é a condição da existência individual de cada uma, funcionar de tal maneira que seja possível a todos os assim interligados alcançar tal equilíbrio, então, e só então, poderão os seres humanos dizer a respeito de si mesmos, com alguma justiça, que são civilizados. Até então estarão, na melhor das hipóteses, em meio ao processo de se tornarem civilizados.

Refêrencias

DELLA CASA, G. **Galateo, ou Dos Costumes**. Tradução de Edileine Vieira Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

_____. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.

LANDINI, T. S. A sociologia processual de Norbert Elias. **IX Congresso Internacional Processo Civilizatório – Tecnologia e Civilização**. Ponta Grossa, 2005, p. 21 – 32.

OLIVEIRA, T. MENDES, C.M.M. A prática docente como ação política: um olhar histórico. **Educere et Educare - Revista de Educação**. Vol 2, n. 4, jul/dez 2007, p. 327 – 340.

ROTTERDAM, E. **De Pueris** (Dos Meninos) / A civilidade pueril. São Paulo: Editora Escala, s/d.